
**ANÁLISE DAS COMUNIDADES INTERPRETATIVAS DO
ROMANCE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS* EM TRÊS
ARTIGOS DA REVISTA COLÓQUIO/LETRAS (1989-1999)**

Analysis of the interpretative communities of the novel *The Year of the Death of Ricardo Reis* in three essays from Colóquio/Letras journal (1988-1999).

Thais Maria Gonçalves da Silva¹

RESUMO: José Saramago (1922 – 2010) escreveu, em 1984, *O ano da morte de Ricardo Reis*. Este trabalho propõe-se a analisar três artigos publicados na revista Colóquio/Letras entre os anos de 1989 e 1999 sobre a obra citada, que são: “Sobre a Pós-Modernidade em Portugal: Saramago revisita Pessoa” (1989), de Horácio Costa; “A metaficção historiográfica de José Saramago” (1991), de Helena Kaufman e “Do labirinto textual ou da escrita como lugar de memória” de Teresa Cristina Cerdeira da Silva. Os artigos serão observados pela lente da *comunidade interpretativa*, conceito introduzido por Stanley Fish em seu livro *Is there a text in this class?* (1980), para designar diferentes leitores que aplicam as mesmas estratégias de leitura, tanto construtivas quanto interpretativas, e que têm uma opinião comum sobre o significado da obra.

PALAVRAS-CHAVES: Saramago, Crítica Literária, Literatura Portuguesa.

ABSTRACT: José Saramago (1922 – 2010) wrote, in 1984, *The Year of the Death of Ricardo Reis*. The present work sets out to analyse three essays published by Colóquio/Letras journal between 1989 and 1999 about the aforementioned work, which are: “On the Postmodernity in Portugal: Saramago revisits Pessoa” (1989), by Horácio Costa; “José Saramago’s historiographic metafiction” (1991), by Helena Kaufman and “Of the textual labyrinth or of the writing as a place for memory”, by Teresa Cristina Cerdeira da Silva. The essays will be seen from the point of view of the interpretative community, concept introduced by Stanley Fish in his book *Is there a text in this class?* (1980) to name the set of different readers that apply the same reading strategies, both constructive and interpretative, and share the same common opinion about the work’s meaning.

KEYWORDS: Saramago, Literary Criticism, Portuguese Literature.

INTRODUÇÃO

José Saramago, em 1984, escreveu *O ano da morte de Ricardo Reis*, que é considerada “uma obra de referência central incontestável quer

1 Doutoranda em Literatura e Vida Social da FCL/Assis – UNESP.

pelo seu intrínseco valor estético quer, sobretudo, quando confrontada com a totalidade do *corpus* saramaguiano” (ABBATI, 2007, p. 5). Neste artigo, usaremos esta obra para demonstrar a possibilidade de que os críticos que se ocupam da obra de Saramago formam uma comunidade interpretativa, segundo o termo criado por Stanley Fish:

Comunidades interpretativas são feitas daqueles que compartilham estratégias interpretativas não para ler (no sentido convencional), mas para escrever texto, para compor suas propriedades e atribuir sua intenção. Em outras palavras, estas estratégias existem anteriormente ao ato da leitura e, portanto, determinam a forma do que se lê e não, como é comumente considerado, o inverso (FISH, 1980, p. 171, tradução nossa)².

Em seu ensaio “Interpreting the *Variorum*”, escrito em 1976 e depois publicado em 1980 no livro *Is there a text in this class?*, Fish apresenta argumentos para a existência de comunidades interpretativas, que são grupos de leitores que interpretam obras literárias lançando mão do mesmo conjunto de aparatos interpretativos. Para Fish, as propriedades formais da obra existem somente quando são percebidas por membros de tais comunidades, ou seja, o leitor exerceria o papel de produtor e consumidor concomitantemente. É importante ressaltar aqui que, para Fish, as propriedades formais de uma obra não constituem apenas um aspecto dela, e sim sua totalidade, pois ele nega a tradicional dualidade forma/conteúdo e a substitui por um único paradigma, segundo o qual forma é igual à experiência do leitor que por sua vez é igual significado. Portanto, um leitor não pode descobrir um significado dentro da obra, uma vez que este significado será criado por ele à medida que o método de análise por ele utilizado cria características e recursos dentro do texto. Assim, qualquer significado de um texto sempre será uma interpretação, algo criado pela leitura, e não algo que pertença ao texto.

Para Fish, um leitor irá realizar leituras diferentes quando colocado diante de textos distintos, e dois leitores distintos pertencentes à mesma

2 Interpretative communities are made up of those whose share interpretive strategies not for reading (in the conventional sense) but for writing text, for constituting their properties and assigning their intention. In other words, these strategies exist prior to the act of reading and therefore determine the shape of what is read than, as is usually assumed, the other way around.

comunidade interpretativa realizarão leituras semelhantes quando colocados diante do mesmo texto.

Ambas, a estabilidade da interpretação entre leitores e a variedade de interpretação na carreira de um único leitor, parecem argumentar em prol da existência de algo independente e anterior aos atos interpretativos, algo que os produz. Responderei a esse desafio afirmando que ambas, a estabilidade e a variedade, são funções das estratégias interpretativas e não dos textos (FISH, 1980, p.167-8, tradução nossa)³.

Uma vez que as estratégias interpretativas não são executadas depois da leitura, ao contrário, são elas que lhe dão forma, e, conseqüentemente, ao texto, essas estratégias são responsáveis por criar o texto e não são criadas por ele.

Fish (1980) também afirma que leitores que acreditam concordar em relação a algum texto, na realidade, concordam sobre o modo de escrevê-lo (já que um texto é algo criado pela leitura), uma vez que eles lançaram mão de estratégias interpretativas semelhantes durante o ato da leitura e por meio delas criaram textos semelhantes. Por outro lado, leitores que utilizarem diferentes estratégias interpretativas não podem alegar que discordam sobre o texto, uma vez que cada um deles pode ler apenas o texto que ele mesmo produziu.

A principal conclusão a que se chega [...] é que a noção de texto “igual” e “diferente” é ficcional. Se eu ler [...] [dois poemas] de modo diferente, não será porque as estruturas formais dos dois poemas geram estratégias interpretativas diferentes, mas porque minha predisposição de executar estratégias interpretativas diferentes irá produzir estruturas formais diferentes. Ou seja, os dois poemas são diferentes

3 Both the stability of interpretation among readers and the variety of interpretation in the career of a single reader would seem to argue for the existence of something independent of and prior to interpretive acts, something which produces them. I will answer this challenge by asserting that both the stability and the variety are functions of interpretive strategies rather than of texts.

porque eu decidi que seriam. A prova disso é que é possível fazer o caminho inverso (FISH, 1980, p. 169, tradução nossa)⁴.

Essas comunidades interpretativas não são totalmente estáveis, uma vez que o modo de interpretar de um leitor pode sofrer modificações ou ser abandonado completamente. Comunidades interpretativas podem prosperar ou declinar, e seus membros se mover entre elas.

O que este trabalho pretende fazer é analisar uma pequena amostra da fortuna crítica de *O ano da morte de Ricardo Reis*, apenas três artigos, em busca de uma base de concordância sobre a qual esses autores trabalharam, averiguar como eles leram Saramago e, portanto, como escreveram sobre sua obra.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS CONSTITUINTES DO CORPUS.

Antes de passarmos à análise propriamente dita dos três artigos publicados na Revista Colóquio/Letras entre 1989 e 1999 sobre a obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, faremos uma breve apresentação de cada um deles, para que o leitor possa acompanhar nosso raciocínio sem necessitar desviar imediatamente sua leitura para os artigos citados.

“SOBRE A PÓS-MODERNIDADE EM PORTUGAL: SARAMAGO REVISITA PESSOA”, DE HORÁCIO COSTA (1989).

Segundo Horácio Costa, o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* possui duas dimensões, sendo uma delas intertextual e a outra histórico-temporal.

[A] pluralidade diccional de Fernando Pessoa é acatada em *O ano da morte de Ricardo Reis* como referência não apenas ficcional, mas também histórica; de igual forma, a

4 The large conclusion that follows [...] is that the notion of the “same” or “different” texts are fictions. If I read [...] [two poems] differently, it will not be because the formal structures of the two poems [...] call forth different interpretative strategies but because my predisposition to execute different interpretative strategies will produce different formal structures. That is, the two poems are different because I have decided that they will be. The proof of this is the possibility of doing the reverse.

referencialização ao tempo histórico objetivo é tratada como um plano mais de ficção (COSTA, 1989, p. 41).

Posto isso, o autor passa a discutir essas dimensões enquanto manifestações pós-modernas. Frisa também que, em *O ano da morte de Ricardo Reis*, elas não se manifestam apenas na narrativa, mas também no plano autor/autor (Pessoa/Saramago), o que permite “atingir uma paralelização, em termos de igualdade, entre obra literária e a sensibilidade histórica” (COSTA, 1989, p. 43).

Horácio Costa também chama a atenção para o fato de que este romance de Saramago utiliza dados pré-existentes na literatura, como Lídia – a musa do heterônimo pessoano, que no romance é uma camareira de hotel – e Marcenda – gerúndio presente na Ode nº 427 de Ricardo Reis e que, no texto de Saramago, é o nome de uma garota de família rica, cuja mão esquerda é paralisada. Estes personagens foram concebidos desse modo para fazer um contraste entre literatura e a situação histórica de Lisboa em 1936. Também figura entre personagens desse tipo e com a mesma função o próprio Ricardo Reis, que é uma personagem “em julgamento” (COSTA, 1989, p. 44), pois sua indiferença é colocada à prova diante da situação política portuguesa.

Além de fazer o paralelo entre literatura e história, Horácio Costa mostra que, neste romance de Saramago, a intertextualidade tem presença marcante, citando como exemplos, além da obra de Fernando Pessoa, a obra de Jorge Luis Borges, Luís de Camões, Miguel de Unamuno e James Joyce.

O autor também afirma que, “em termos de gênero literário, Saramago obtém a conciliação de correntes distintas entre si, quais sejam a do romance histórico e a do romance de metaficção” (COSTA, 1989, p. 44).

A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE JOSÉ SARAMAGO”, DE HELENA KAUFMAN (1991)

Em seu artigo intitulado “A Metaficção Historiográfica de José Saramago”, a autora, Helena Kaufman, usa especificamente o livro *Poetics of postmodernism* (1988), de Linda Hutcheon, para analisar, pela ótica da metaficção historiográfica, algumas obras do escritor português José Saramago. Kaufman chama a atenção para o fato de que

O próprio termo “metaficção historiográfica” refere-se às duas características mais salientes desse tipo de ficção: à sua auto-referencialidade, ou seja, o constante referir-se à situação

discursiva, e ao carácter reflexivo na abordagem temática histórica, o qual implica o distanciamento crítico e não o simples reviver sentimental ou pitoresco de certos momentos da História (KAUFMAN, 1991, p. 124-125).

A autora argumenta que é possível ver a metaficção historiográfica como uma nova maneira de produzir ficção histórica, de modo a escapar dos moldes tradicionais do romance histórico, e que é a partir desse ponto de vista que ela realizará a análise de três romances de José Saramago: *Memorial do convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e *História do cerco de Lisboa* (1989), já que estes três romances problematizam a História e o processo de criação literária.

Sobre *O ano da morte de Ricardo Reis*, Kaufman alega que, entre os três romances, este é o que se afasta mais do romance histórico tradicional, devido ao tratamento lúdico que dá ao fictício e ao real e ao uso da intertextualidade, juntamente com a existência de múltiplos discursos.

Apesar disso, Saramago recria o ambiente de Lisboa em 1936 de modo detalhado, sustentado por citações de jornais da época, conseguindo realizar uma “reconstrução arqueologicamente minuciosa” (KAUFMAN, 1991, p. 126), que se aproxima bastante da tradição do gênero romance histórico. Sendo que o afastamento em relação à tradição do romance histórico, em Saramago, se dá no estatuto do narrador e na função das personagens, pois são esses os dois elementos do romance que propiciam a metatextualidade e a reinterpretação histórica.

Em *O ano da morte de Ricardo Reis*

o narrador controla a narrativa, recorrendo a comentários valorativos, a juízos e ao tom moralístico que frequentemente assume a forma de aforismo ou profecia. A sua onisciência não se limita às capacidades que lhe atribuía o Realismo. Constitui antes um tipo de transcendência cultural e temporal, permitindo uma visão da realidade que abrange o presente, o futuro e o passado. Por outras palavras, o narrador declara-se explicitamente contemporâneo do leitor, inserindo esta sua perspectiva entre os detalhes e pormenores históricos da época passada que descreve (KAUFMAN, 1991, p.126-127).

Além disso, o narrador saramaguiano chama a atenção do seu leitor para o carácter ficcional de suas personagens, destruindo a ilusão de realidade da narrativa. O carácter ficcional da narrativa também é reforçado

por comentários do narrador, que enfatiza o anacronismo do romance e da linguagem utilizada.

Outra diferença entre o romance histórico tradicional e a metaficção historiográfica de Saramago, segundo Kaufman, está no tratamento dado às personagens. Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, as personagens principais, Ricardo Reis e Fernando Pessoa, são ex-cêntricos, pois um deles pertence ao mundo da ficção e o outro foi feito protagonista depois de sua morte, o que anula qualquer possibilidade de ambos serem considerados figuras históricas tradicionais e, portanto, possíveis de figurarem como personagens de um romance histórico.

Kaufman detalha que o ex-cêntrico Ricardo Reis foi colocado no centro da narrativa, mas, apesar disso, ele escolhe, em razão do seu estoicismo, permanecer à margem dos acontecimentos históricos, ao contrário do que acontece com uma personagem do romance histórico tradicional. Essa escolha da personagem proporciona à narrativa “uma exposição e uma denúncia forte de estruturas sociais, de ideologia e de outras convenções da vida quotidiana” (KAUFMAN, 1991, p. 131). A escolha consciente de Ricardo Reis de se manter afastado dos acontecimentos faz com que Saramago seja obrigado a recorrer a outra personagem, Lúcia, para mostrar a realidade histórica de Lisboa em 1936.

Outro ponto importante da construção narrativa de *O ano da morte de Ricardo Reis* é que, por meio de Fernando Pessoa e Ricardo Reis, Saramago introduz no romance um intertexto cultural português, o pessoano, o qual figura ao lado de outros discursos do romance, sendo este o salazarista e o camoniano. Há outro discurso que está presente na narrativa, o discurso dos jornais da época, cujo compromisso ideológico é apontado pelo narrador, uma vez que ele faz uma leitura irônica desse meio de informação, revelando a ideologia do Estado e mostrando como ela pode contaminar a percepção da História.

Assim, a glorificação de Salazar e da ordem e prosperidade anunciados nos jornais portugueses e estrangeiros é contrastada com as cenas da vida nos bairros populares e na zona rural – a falta de higiene, o crime, a pobreza e o analfabetismo, às vezes perdidos nas páginas dos mesmos jornais (KAUFMAN, 1991, p. 134).

Kaufman termina seu artigo retomando o fato de que, nos romances de Saramago, podemos ver tanto elementos tradicionais, como a descrição histórica, figurando ao lado de elementos inovadores, como elementos pós-modernos: “a auto-referencialidade da narrativa, a explícita

consciência de linguagem, a introdução dos personagens ex-cêntricos e fantásticos e o comentário historiográfico que desafia a autoridade da História” (KAUFMAN, 1991, p. 136).

“DO LABIRINTO TEXTUAL OU DA ESCRITA COMO LUGAR DE MEMÓRIA”, DE TERESA CRISTINA CERDEIRA DA SILVA (1999).

Em seu artigo, Silva estuda as referências da obra de Saramago, apontando a escrita como um labirinto no qual “convivem discursos de tempos diversos, de origem diversa, de gêneros diversos” (SILVA, 1999, p. 249) que interrompem a continuidade do texto ao mesmo tempo em que demandam uma releitura da tradição. Para tanto, a autora analisa cinco romances de José Saramago, *Memorial do convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra* (1986), *História do cerco de Lisboa* (1989) e *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) para apontar os intertextos camonianos, históricos e bíblicos existentes na obra do escritor português.

Em relação a *O ano da morte de Ricardo Reis*, Silva afirma que a referência a Camões neste romance acontece em dois níveis: no nível da escrita e no nível da narrativa. No primeiro, podemos ver que o verso do Canto III dos *Lusíadas* (“[...] aqui [...] / Onde a terra acaba e o mar começa”) foi invertido e modificado e usado para abrir e fechar o romance (“Aqui o mar acaba e a terra principia” / “Aqui, onde o mar se acaba e a terra espera”), mostrando clara intenção do autor de lançar um olhar para Portugal atual e não mais para seu passado glorioso de navegações. No segundo nível, Camões está presente na forma de uma estátua que orienta Ricardo Reis, “em crise de identidade pessoal e nacional” (SILVA, 1991, p. 251) pelas ruas de Lisboa.

Já o intertexto histórico nesta obra de Saramago ocorre via entrecruzamento de textos jornalísticos, que

surge no romance não como resgate meramente especular dos acontecimentos, mas como ponto de partida para uma simbolização que o contexto ficcional logra atribuir aos dados referenciais (SILVA, 1999. P. 257).

A autora conclui afirmando que todo texto dialoga com outros textos e que Saramago consegue reconciliar o presente e o passado, tendo consciência de que “nas construções do presente, ao lado dos mil vivos estão

os cem mil mortos, e os suspiros que se levantam do chão são as sobras dos trabalhos legados pelo passado” (SILVA, 1991, 9. 265).

A PÓS-MODERNIDADE NA CRÍTICA SARAMAGUIANA

O que os três artigos constitutivos do *corpus* têm em comum é o fato de aproximarem a obra *O ano da morte de Ricardo Reis* da corrente pós-modernista. Segundo Hugh J. Silverman (1990), a pós-modernidade não tem um lugar específico de origem e opera entre o que pode ser considerado novo e uma quebra com a tradição, enquanto se proclama autoconsciente e autorreflexiva. Seu pensamento muitas vezes se baseia em reler textos e tradições literárias, oferecendo uma ressignificação desses textos e tradições.

O pensamento pós-modernista envolve repensar – achar os lugares de diferença dentro dos textos e instituições, examinar as inscrições de indecidibilidade, notar a dispersão de significação, identidade e unidade centralizada através de uma textura plurivalente de produção de conhecimento epistemológico e metafísico (SILVERMAN, 1990, p. 1, tradução nossa)⁵.

O pós-modernismo não é propriamente um período literário, se assemelhando mais a uma linha de pensamento que se associa e ao mesmo tempo questiona o modernismo. “Ser moderno é ‘romper com o passado’ e ‘buscar por novas formas de expressão’” (SILVERMAN, 1990, p. 2, tradução nova)⁶. O Pós-modernismo, por outro lado, não nega completamente o modernismo, mas parece perceber que “romper com o passado” significa começar tudo desde o início, o que implicaria, fatalmente, em repeti-lo.

Já que estamos começando algo completamente novo, nós temos de voltar os ponteiros do relógio para o zero. A ideia da modernidade está intimamente ligada com o princípio que é possível e necessário romper com a tradição e começar uma

5 Postmodernist thinking involves rethinking – finding the places of difference within texts and institutions, examining the inscriptions of indecidability, noting the dispersal of signification, identity, and centered unity across a plurivalente texture of epistemological and metaphysical knowledge production.

6 To be modern is to “break with the past” and to “search for new self-expressive forms”.

nova maneira de viver e pensar. Hoje, nós podemos presumir que esse “rompimento” é, na verdade, uma maneira de esquecer ou reprimir o passado. É o mesmo que repeti-lo. Não superá-lo (LYOTARD, 2010, p. 1466, tradução nossa)⁷.

De modo a evitar uma simples repetição do passado, mas ao mesmo tempo questioná-lo e não simplesmente aceitá-lo como verdade inquestionável, o pós-modernismo trabalha *contra* a tradição ao mesmo tempo em que trabalha *com* ela. “Pós-modernismo é um fenômeno contraditório, um que usa e abusa, instala e subverte, o próprio conceito que desafia.” (HUTCHEON, 1988, p. 3, tradução nossa)⁸.

O pensamento pós-modernista se oferece para reler os textos e tradições que fizeram a escrita dos pré-modernistas e modernistas possível – mas, acima de tudo, ele oferece uma reinscrição destes mesmos textos e tradições, examinando os aspectos nos quais eles declaram os limites de suas próprias empreitadas, nos quais eles incorporam novos textos e tradições em uma relação justaposta e intertextual com eles mesmos (SILVERMAN, 1990, p. 1, tradução nossa)⁹.

Essa visão que a pós-modernidade tem da História fica clara no texto de Silva. Nele vemos que a crítica pós-modernista se manifesta no estudo do intertexto literário e histórico, uma vez que o que interessa à autora é a questão do “retomar a palavra do outro em discurso que a ele se refere e com ele estabelece um duplo laço de reverência e traição” (SILVA, 1999, p. 249). Traição esta que se dá na medida em que o texto anterior não é mais lido com ingenuidade. A autora afirma que, em *O ano da morte de Ricardo Reis*, Camões não é citado para louvar as conquistas portuguesas

7 Since we are beginning something completely new, we have to re-set the hands of the clock at zero. The idea of modernity is closely bound up with this principle that is possible and necessary to break with tradition and to begin a new way of living and thinking. Today we can presume that this “breaking” is, rather, a manner of forgetting or repressing the past. That’s to say of repeating it. Not overcome it.

8 Postmodernism is a contradictory phenomenon, one that uses and abuses, installs and subverts, the very concepts it challenges.

9 Postmodernist thinking offers to re-read the very texts and traditions that have premodernist and modernists writing possible – but above all it offers a reinscription of those very texts and traditions by examining the respects in which they set limits of their own enterprises, in which they incorporate other texts and traditions in a juxtapositional and intertextual relation to themselves.

expansionistas, mas sim para mostrar que é tempo de se voltar para os assuntos da terra. A História, contida nos jornais que Ricardo Reis lia avidamente, é questionada a todo o momento, uma vez que “a ‘verdade’ histórica é neles mais velada do que revelada” (SILVA, 1999, p. 257).

A autora afirma que

Nenhum documento é anódino, e, em certa medida, todo o documento é monumento, resultando consciente ou inconscientemente de um esforço das sociedades para deixarem uma determinada imagem de si mesmas às gerações por vir (SIVA, 1999, p. 257).

Segundo o pós-modernismo, o único modo de se conhecer o passado é por meio de textos. “Nós não podemos conhecer o passado exceto a partir de seus textos: seus documentos, suas evidências, e até mesmo suas testemunhas oculares são textos” (HUTCHEON, 1988, p. 16, tradução nossa).¹⁰ Por sua vez, textos são constructos humanos, portanto, a própria história passa a ser algo criado. Não é negada a existência do passado, mas questionado se podemos conhecer o passado por outros meios que não sejam textos. Textos que, segundo a autora, em *O ano da morte de Ricardo Reis*, são representados pelos jornais, “monumentos do poder” (SILVA, 1999, p. 257), portanto, parciais.

Esta é uma visão pós-moderna que a ficção tem da história.

Metaficção historiográfica [...] é aberta e resolutamente histórica – por meio, na verdade, de uma forma irônica e problemática que reconhece que a história não é um registro transparente de qualquer absoluta “verdade” (HUTCHEON, 1988, p. 128-129, tradução nossa).¹¹

Essa visão não inocente do registro histórico, segundo a qual a história é vista como uma criação humana, assim como a ficção, faz com que a metaficção historiográfica, apesar de ser um discurso histórico, não perca suas características ficcionais (HUTCHEON, 1988, p. 124). Ao mesmo

10 We cannot know the past except through its texts: its documents, its evidence, even its eye-witness accounts are texts.

11 Historiographic metafiction [...] is overtly and resolutely historical – through, admittedly, in a ironic and problematic way that acknowledges that history is not the transparent record of any sure “truth”.

tempo, enquanto metaficção historiográfica, o “novo texto exerce sobre o passado uma acção regeneradora fazendo-o sair de si próprio e assim ganhar enquadramentos inesperados” (SILVA, 1999, p. 250), pois repensa e reelabora o passado.

Ao observarmos o artigo de Kaufman, vemos que a autora chama a atenção para outro aspecto da pós-modernidade, que é seu viés político-ideológico. Para Linda Hutcheon, o “pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, resolutamente histórico e inevitavelmente político (HUTCHEON, 1988, p. 4, tradução nossa).¹²

O Ano da Morte de Ricardo Reis concentra-se num outro elemento do discurso histórico: o comprometimento ideológico. A leitura irónica que o narrador faz dos jornais da época, em conjunto com o discurso revolucionário-popular de Daniel, revela a ideologia do estado salazarista e mostra como essa ideologia, explorando mitos do passado, contamina a visão da História (KAUFMAN, 1991, p. 134).

A autora também trata as personagens de modo semelhante a Costa. Um ponto em comum entre os dois autores é a visão que têm das personagens. Horácio Costa chama a atenção às personagens Lídia, Marcenda e ao próprio Ricardo Reis, que, segundo o autor, são os responsáveis por fazer um contraste entre a literatura e a situação política de Portugal durante o regime salazarista. Essas são as personagens que Linda Hutcheon (1988) chama de ex-cêntricas, uma vez que eles não estão no centro dos acontecimentos históricos, e sim à sua margem, porém, exatamente por causa de sua marginalidade, podem mostrar a situação histórica descrita mais veementemente, uma vez que rejeitam o discurso corrente e normalmente aceito. Kaufman também trata das personagens ex-cêntricas, focando-se em Ricardo Reis e Fernando Pessoa, detalhando especificamente como essas duas personagens não poderiam figurar em um romance histórico tradicional, já que um deles é uma criação ficcional e o outro está morto.

Ambos também abordam a personagem Lídia. Como mulher e de classe baixa, Lídia não faz parte do “centro”, porém, tanto Costa quanto Kaufman concordam que Lídia está mais envolvida com a situação política portuguesa de 36 do que Ricardo Reis, que (se não fosse duplamente

12 Postmodernism is fundamentally contradictory, resolutely historical, and inescapably political.

excêntrico, já que não apenas não faz parte dos acontecimentos políticos, dado sua origem ficcional, como também escolhe se manter à margem deles por causa de seu estoicismo) seria o exemplo perfeito de personagem do centro: homem branco, heterossexual de classe média.

O centro não se sustenta mais. E, através de uma perspectiva descentralizada, o “marginal” e o que eu chamarei de “ex-cêntricos” (seja de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem nova significação à luz da orientação implícita que nossa cultura não é, na realidade, o monólito homogêneo (ou seja, de classe média, homem, heterossexual, branco, ocidental) que nós supúnhamos. (HUTCHEON, 1988, p. 12, tradução nossa).¹³

Além de concordarem em relação a Lídia, ambos os autores veem a personagem principal, Ricardo Reis, do mesmo modo, focando em seu estoicismo e mostrando como a filosofia pessoal do heterônimo dita o modo como ele interage com a sociedade em que vive:

Contra um telão agudamente marcado pela evolução social, a versão animada de Ricardo Reis desfila sua ataraxia, sua inadequação ao tempo social em que lhe é proposto viver (COSTA, 1989, p. 44).

Ricardo Reis [...] volta a Portugal [e] assume uma atitude de ‘espectador do espetáculo do mundo’. [...] O autor coloca o seu protagonista numa posição de alheamento, fora dos acontecimentos [...], em vez de fazê-lo parte e encarnação deles, como no romance histórico (HAUFMAN, 1991, p. 131).

Por fim, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que ambos os textos, apesar de lerem o *Ano da morte de Ricardo Reis* pela ótica da pós-modernidade, afirmam que esta obra de Saramago também tem traços que pertencem ao romance histórico tradicional. Horácio Costa é um tanto

13 The centre no longer completely holds. And, from the decentered perspective, the “marginal” and what I will be calling the “ex-centric” (be it in class, race, gender, sexual orientation, or ethnicity) take on new significance in the light of the implied orientation that our culture is not really homogeneous monolith (that is middle-class, male, heterossexual, white, western) we might have assumed.

vago na hora de mostrar os elementos do romance tradicional que figuram na obra, enquanto Kaufman especifica que esses traços se encontram na descrição detalhada que Saramago fez de Lisboa em 1936, baseando-se em jornais da época que contém informações variadas, desde notícias a anúncios comerciais.

Linda Hutcheon afirma que a “metaficção historiográfica [...] se volta para o intertexto histórico, assim como literário (1988, tradução nossa)¹⁴ e é exatamente isso que podemos observar nos três artigos anteriormente comentados. No artigo de Horácio Costa, vemos que o autor elege como pontos basilares da narrativa de *O ano da morte de Ricardo Reis* o intertexto literário e histórico. Kaufman também coloca em foco estes dois pontos, uma vez que, na pós-modernidade, o valor de uma obra se encontra nas suas relações intertextuais com outras formas de expressão artística, seja literária, plástica ou cênica (SILVERMAN, 1990, p. 3). Por fim, observamos que Silva coloca o intertexto histórico lado a lado com o intertexto literário. Os três autores consideram pertinente apontar uma das principais características da obra pós-moderna, que é sua intenção de abrir o texto, por meio da ideia de que a infiltração de um texto em outro é simplesmente inevitável (HUTCHEON, 1988, p. 127).

CONCLUSÃO

O que pretendíamos mostrar nessas breves análises de três artigos que se ocupam de *O ano da morte de Ricardo Reis* é a existência de uma comunidade interpretativa, que neste caso leria esta obra de Saramago lançando mãos dos aparatos interpretativos oferecidos pela teoria da pós-modernidade.

Temos consciência de que mostrar apenas três artigos que leem *O ano da morte de Ricardo Reis* de modo semelhante não prova que essa comunidade interpretativa delineada seja forte entre os críticos de Saramago, mas a verdade é que, entre 1989 e 1999, foram publicados na Revista Colóquio/Letras seis artigos sobre esta obra do autor português, dentre os quais um escrito em francês. Entre os cinco artigos em língua portuguesa, quatro deles analisam *O ano da morte de Ricardo Reis* por meio da perspectiva da pós-modernidade. O outro artigo "Lisboa segundo Saramago: a História, os mitos e a ficção" (1999), de Isaura de Oliveira, estuda os

14 Historiographic metafiction [...] turns to the intertext of history as well as literature.

intertextos que ocorrem entre um romance e outro de Saramago – uma abordagem que também poderia ser considerada pós-moderna. Os artigos de Horácio Costa, de Helena Kaufman e de Teresa Cristina Cerdeira da Silva foram escolhidos para a análise por partirem de uma corrente pós-moderna de maneira mais evidente e, em razão disso, permitirem a exposição da comunidade interpretativa que gostaríamos de evidenciar.

Gostaríamos de frisar que o estabelecimento das comunidades interpretativas que se ocupam da obra de Saramago depende de um estudo minucioso de toda a fortuna crítica do autor. A este artigo, contudo, interessou frisar o quanto a corrente crítica pautada pela pós-modernidade marca uma presença forte entre as análises de *O ano da morte de Ricardo Reis*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBATI, Orietta. Ecos da Espanha de 36 n' *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago. In: MEDEIROS, Paulo de; ORNELAS, José N. (org). *Da possibilidade do impossível: leituras de Saramago*. Utrecht Portuguese Studies Series, 2007.

COSTA, Horácio. "Sobre a pós-modernidade em Portugal: Saramago revisita Pessoa". In: *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, n.º 109, Maio 1989, p. 41-48.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988

KAUFMAN, Helena. "A metaficção historiográfica de José Saramago". In: *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, n.º 120, Abr. 1991, p. 124-136.

LYOTARD, Jean-François. Defining the Postmodern. In: LEITCH (org.). Vincent B. *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. 2nd Ed. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

OLIVEIRA, Isaura de. "Lisboa segundo Saramago : a História, os mitos e a ficção". In: *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, n.º 151/152, Jan. 1999, p. 357-378.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. "Do labirinto textual ou da escrita como lugar de memória". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 151/152, Jan. 1999, p. 249-266.

SILVERMAN, Hugh J. (org). *Postmodernism: Philosophy and the Arts*. New York: Routledge, 1990.

Data de recebimento: 15 jun. 2015.

Data de aprovação: 03 ago. 2015.